

MÁQUINAS E SILÊNCIOS — CONSTRUINDO SIGNIFICADOS NO E PARA ALÉM DO SUPLETIVO DE TRABALHADORE

Dulce Maria de Oliveira
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Este artigo tem como intenção apresentar os aspectos mais relevantes da pesquisa *Entre um chão de contradições e um chão de sonhos: operários e professores em construção*, que realizei para a obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Nesse estudo, procuro trazer para a discussão a vertente e os propósitos teóricos da Pedagogia Crítica. Com o objetivo de estudar o cotidiano da sala de aula do Supletivo de Trabalhadores, uma experiência que acontece através de um Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos fundamentado nos princípios da Educação Popular, e analisar o que acontece quando acadêmicos dos Cursos de Licenciatura se encontram com trabalhadores em um chão de fábrica, investigando, também, as aprendizagens que podem daí surgir, encontrei na perspectiva etnográfica a opção metodológica para desenvolver a pesquisa empírica desse estudo. Defini como categorias de análise: experiência de estranhamento; descoberta de outros valores no mundo do trabalho e formação profissional. Além da observação participante, depoimentos e análise de fontes escritas e iconográficas fizeram parte do tripé de procedimentos metodológicos para analisar o processo de escolarização em três empresas da Região Metropolitana de Porto Alegre.

Buscando uma aproximação entre esses dois mundos, o da fábrica e o da academia, trago a fala de um trabalhador que enfatiza as relações de trabalho que ocorrem no capitalismo moderno e que se travam no interior de uma fábrica: “*Aqui não passamos de números*”. O trabalhador é reduzido a uma mercadoria. Sua valorização vai depender do quanto for capaz de produzir. Segundo Christophe Dejours (1992, p.133),

a organização do trabalho, no capitalismo moderno, exerce sobre o homem e a mulher uma ação específica, cujo impacto é o aparelho psíquico (...) emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma “história individual”, portadora de projetos, de esperanças e de desejos, e uma organização do trabalho que os ignora.

Essa organização do trabalho vem sofrendo reformulações, oriundas do desenvolvimento tecnológico e de um mercado de trabalho com novas exigências de consumo, marcadas pela individualização. O mercado está exigindo, cada vez mais, um trabalhador mais qualificado e especializado, orientado pelo pressuposto do “trabalhador certo, para o lugar certo”. Segundo Luiz Carlos de Freitas (1992), é exigência do mercado, hoje, que o trabalhador esteja mais envolvido nas decisões, apresentando maior capacidade de abstração e leitura. Essas habilidades coincidem com os objetivos das empresas ao pensarem a escolarização de seus funcionários. Segundo eles, era mais importante que os trabalhadores e as trabalhadoras soubessem escrever corretamente uma “comunicação interna” e interpretar um manual de funcionamento de uma máquina do que criar o hábito da leitura diária de um jornal¹.

Na sala de aula, organizada dentro do espaço fabril, é construído um novo saber. Embora estivesse ela no “coração do acabamento”, no meio de tanto trabalho, correria, barulho, os trabalhadores e as trabalhadoras podiam viajar para outros lugares, perdidos em seus sonhos e pensamentos². O que acontecia na fábrica, as relações que se travavam com as chefias nos diferentes setores entravam para dentro da sala de aula e se misturavam aos encantamentos de um texto lido ou construído com os colegas, ou à releitura de uma obra-de-arte.

Por outro lado, na sala de aula, com a professora ou com o professor, outras relações de poder estiveram presentes. Em quase todo o processo, esse lugar representava um espaço onde os trabalhadores e as trabalhadoras podiam falar do seu trabalho, sem que os olhares das chefias lhes dissessem ou lhes lembrassem que eles eram, meramente, uma continuação ou uma extensão da máquina, e também, em alguns momentos, pode ter representado uma forma de exercício do poder do professor.

¹ O Gerente de Recursos Humanos de uma empresa, quando discutia, com a Coordenação do Supletivo de Trabalhadores, a proposta do Curso, enfatizava a necessidade de o trabalhador escrever uma comunicação interna, corretamente. Em função dessa exigência, apontada pela empresa, era evidente, no início do Curso, a solicitação dos trabalhadores em relação a esse tipo de aprendizado.

² O Setor de Acabamento é aquele mais ocupado por mulheres. A respeito desse setor, um dos diretores da empresa, em uma entrevista realizada na fábrica, comentou que o mesmo era mais ocupado por mulheres porque o trabalho lá realizado era extremamente repetitivo, não exigindo que quem nele trabalhasse tivesse que pensar.

O cotidiano como um espaço pedagógico para a construção do conhecimento insere-se numa visão crítica de educação, já que ele é um elemento que permite tornar “o político mais pedagógico e o pedagógico mais político” (Giroux, 1992, p.97).

Mesmo possuidores de um amplo conhecimento de mundo, a maioria dos trabalhadores e das trabalhadoras não tinha consciência disso. É o caso de Lúcia, que se dizia totalmente ignorante com relação ao seu conhecimento lingüístico, embora não tendo dificuldades na comunicação oral e nem para realizar o seu trabalho na fábrica, o que pôde ser percebido desde o seu ingresso no Supletivo. Por causa da dificuldade na escrita, Lúcia parecia sentir-se inútil em tudo, o que pode ser constatado no seu primeiro texto escrito, contando sobre sua história de vida³:

(...) eu quando escrevo as vezes não coloco pontuação porque não sei. faz 3 meses atraz que fui Escrever para gramado, para uma madrinha minha pela Aprimeira Vez. não Consegui... dei para minha irmão e ela falou “ela não vai entender” faltava letras em tudo comi o A, o R oi, me senti tão inuti (...).

A partir das experiências de vida que foram sendo levadas para a sala de aula, o trabalho foi-se construindo. O elemento dinamizador desse trabalho foi a produção textual. A cada aula, os alunos tinham que produzir alguma coisa. Tudo era pretexto para escrever, desde uma “comunicação interna” até a criação de texto sobre um fato importante ocorrido em sala de aula, na fábrica ou na vida particular dos alunos e das alunas. São textos de várias caras, de várias cores, e, em cada um deles, percebe-se, ao mesmo tempo, um pouco das marcas das relações travadas na fábrica e na sociedade, e um desejo, um impulso, um sinal de resistência ao mundo árduo em que vivem e a busca de superação. Exemplo disso é um dos textos produzidos pelo aluno-trabalhador Geronildo:

*Viagem de sonho
A vida de trabalhador mal-remunerado é composta de muitos sonhos, e, como o sonho é uma ilusão que acaba em frustração, não será tão difícil esquecer mais um sonho, principalmente da minha acompanhante, Janete, que completou dez anos de idade, e como parte do presente de aniversário lhe daria a famigerada viagem até São Francisco de Paula. A minha filha pergunta: Pai, essa viagem seria para tão longe que a empresa não quis patrocinar? Não, para eles é como dar um passo, mas para nós é*

³ O texto de Lúcia, aqui apresentado, não foi alterado em sua escrita original, com o objetivo de mostrar as dificuldades apresentadas pela aluna (na escrita) na fase inicial da escolarização no Supletivo de Trabalhadores.

longe. Já que não temos acesso para muita coisa, torna-se difícil conhecer o que os poderosos conhecem. Filha, por favor, não faz mais perguntas agora; mais tarde, assim como eu, você compreenderá as circunstâncias da vida, porque é tão difícil explicar-lhe agora na sua infância. Devemos engolir estes sapos que colocam na nossa frente, ter muita fé em Deus, só assim faremos viagens para muito mais longe do que aqueles que hoje não nos deixam conhecer a nossa serra gaúcha.

Textos como os escritos pelos alunos-trabalhadores Geronildo e Lúcia puderam favorecer a realização de outras aprendizagens durante o processo de formação de futuros professores. Pelo suor e pelas lágrimas, pela coragem, pela ousadia de colocar no papel, simplesmente, as suas vidas “severinas”, parecem ser eles muito mais mestres-operários do que alunos e alunas, muito mais vida do que morte.

No Supletivo de Trabalhadores, a preocupação com a construção coletiva do conhecimento ocorreu tanto em relação à equipe que fez parte do curso (professores-estagiários, supervisores, alunos-trabalhadores, coordenação) quanto em relação ao trabalho na sala de aula, alimentador de todo o processo. Ao abordar a questão da formação de professores, Miriam Krasilchik (1988) apresenta o docente como um construtor de pontes entre a teoria e a prática em sua própria disciplina, entre a disciplina que leciona e as disciplinas pedagógicas, e entre a universidade e as escolas da comunidade. Essa construção de pontes ocorreu com os professores-estagiários, em diferentes momentos do desenvolvimento de suas disciplinas. Exemplo disso é o texto construído pelo aluno Ivo a partir do texto “Circuito fechado”, discutido em sala de aula⁴:

Eu saio do trabalho, pego a bicicleta e vou pedalando até em casa; quando chego, já são 11h50min da noite. Tomo um banho e vou me deitar, mas não consigo dormir. Ando muito preocupado com o trabalho e as contas que tenho que pagar. O salário que eu ganho só dá pra fazer o rancho do mês. Se faço compra à prestação, quase sempre pago atrasado, é um sufoco. Quando o relógio desperta, de manhã, levo um susto: olho e vejo a hora, são cinco da manhã; ainda estou com sono e cansado, pois dormi muito pouco. Com um grande esforço, me levanto, calço o chinelo e vou ao banheiro, pego o sabonete, lavo meu rosto, escovo os dentes e vou tomar café. Depois, coloco as meias e o sapato, ligo o rádio, me sento no sofá. E fico pensando como será o dia de hoje. Mas o relógio está marcando 15 pra 06 da manhã. De novo, pego

⁴ “Circuito fechado” é um texto de Ricardo Ramos que reflete a rotina da vida moderna.

a bicicleta e me vou para o trabalho. Esse é o dia-a-dia de um operário.

O que aconteceu ou acontece com os estagiários diante de textos como esse? Que contribuições o conteúdo do texto produzido pelo trabalhador pode trazer para a formação docente, numa dimensão social? O que o texto pode contribuir em termos de mudança de visão de mundo? Sérgio Haddad (1992) chama atenção para os trabalhos sobre educação de adultos que estão sendo organizados nos setores populares e que têm sido a chave para a sobrevivência numa sociedade capitalista⁵. Esses processos de ensino-aprendizagem são complexos e exigem, além do compromisso político, o conhecimento prévio dos educadores.

Apesar de a sala de aula estar dentro do ambiente de trabalho, a fábrica, ela representava o novo, o diferente. Segundo José de Souza Martins (1993, p.63),

a reciprocidade do impacto se manifesta na constituição do “outro”, que passa a mediar as relações sociais para cada grupo envolvido no desencontro desse encontro.

Quando Martins fala do “desencontro desse encontro”, reporto-me para os primeiros dias de aula. O desencontro foi marcado pelo medo e, às vezes, até pavor. Esse medo aconteceu dos dois lados. Da parte dos professores, o choque com a frieza de um chão de fábrica, onde tudo era mecânico e parecia sem vida, sabendo que a prática educacional ocorreria nesse espaço.

Com efeito, todos os professores-estagiários entrevistados disseram que, no primeiro dia de aula, passaram por essa experiência de “estranhamento”, uns mais do que os outros. Esse medo de errar, de se expressar, depois de ficarem de 20 a 30 anos fora da sala de aula e do convívio com o conhecimento dito “oficial”, também foi percebido com relação aos trabalhadores. Um trabalhador, com 42 anos de idade, afastado da escola formal por vinte e quatro anos, descreve, de forma sensível, o estranhamento inicial ocorrido com os alunos-trabalhadores e os professores-estagiários:

(...) Quantos anos já passados, e novamente, como crianças, nós estávamos ali, sentados, sem muitas perspectivas, mas estávamos todos ali. No silêncio do momento, olhos grandes nos olhavam, quase meio assustados, coração mais forte palpitava, mãos suaves

⁵ Apesar de o conhecimento ser ainda um fator importante numa sociedade capitalista, não há, hoje, uma ligação mais imediata entre nível de escolarização e empregabilidade.

que suavam, começava um desafio de um temor, que de ambas as partes no rosto se estampava (...).

O aluno-trabalhador, através de seu texto, numa mescla de poesia e, ao mesmo tempo, um certo desânimo, evidenciado, principalmente, na minha interpretação, nas expressões “novamente” e “sem muitas perspectivas”, foi quem mais conseguiu falar desse estranhamento. Na expressão “olhos grandes nos olhavam, quase meio assustados”, ele estava referindo-se ao pavor inicial de uma professora que estava entrando pela primeira vez dentro de uma fábrica.

O trabalhador, diante do professor-estagiário, apresentou-se, no início do processo de escolarização, com características que o estagiário não conhecia, ou não entendia. Dessa mesma forma, também o estagiário se apresentou ao aluno-trabalhador. O que ambos estavam pensando ainda era uma incógnita nos primeiros encontros. Segundo Martins (1993, p. 65),

quando os índios Suruí tiveram seu primeiro contato com os brancos, o chefe indígena se adiantou para dizer “eu te amanso, branco!”, quando, na verdade, o branco imaginava que o estava amansando.

Relacionando o que ocorreu na comunidade indígena à realidade do Supletivo, trago a fala de uma professora-estagiária de Educação Artística, que mostrou interesse em falar do seu primeiro dia na fábrica. Essa estagiária iniciou sua experiência numa turma composta só de homens. Ela conta:

(...) fui orientada, por meu Supervisor, a me dirigir a eles de uma maneira diferente, e ter cuidado ao falar. Em algum momento, cheguei a pensar que eles não pensavam (...) não entendia qual maneira diferente era essa (...). Fui tremendo na estrutura, mas empolgada com o desafio, para a primeira aula. Me saí muito mal. Eram só homens! Isso tinha sido dito, eu tinha a lista de chamada, mas eu não me lembrava de algo tão relevante! Me senti a própria na cova dos leões. Fiquei imaginando e me perguntei: o que esses turrões vão fazer? Chorei duas semanas e pensei várias vezes em desistir. A partir do primeiro mês de aulas, achei o fio da meada, e as coisas começaram a fazer sentido.

Aos 32 anos de idade, essa estagiária fazia, no Supletivo de Trabalhadores, sua primeira experiência docente. Segundo ela, falar em Artes pela primeira vez, numa situação de professora, era difícil, sobretudo em um Supletivo de Trabalhadores. Era algo totalmente novo para ela e para eles. A professora-estagiária, ao dizer que, no seu imaginário, eram

todos “turrões”, talvez estivesse pensando em como “amansá-los”. Para Martins (1993, p. 65), isso pode significar "reconhecimento da condição antagônica do outro e, ao mesmo tempo, ao amansá-lo, tentativa de trazê-lo para um mesmo universo de relações — inclusão e oposição, humanização do desumano". É importante lembrar que essa estagiária, ao contrário dos outros, possuía uma experiência de fábrica:

Me criei em chão de fábrica. Minha família administrava, durante 45 anos, uma empresa de calçados. Não trabalhei nela, mas administrei a loja que tínhamos ao lado da fábrica e, por isso, sempre tive contato direto com a realidade da fábrica.

Sendo filha do dono da fábrica, que tipo de realidade a assustou tanto? Por que, no início da experiência, ela chegou a imaginar que eles “não pensavam”? Que idéia ela fazia desses trabalhadores de fábrica? Do mundo desses trabalhadores? Talvez nunca tivesse antes pensado nisso, quando recebia o sapato pronto para comercializá-lo. Professores-estagiários e alunos-trabalhadores puderam construir uma outra relação, desfazendo, aos poucos, o sentimento inicial de distanciamento entre esses dois mundos. Qual o papel dos professores-estagiários no processo de escolarização desses trabalhadores, entrando num lugar que não é o seu, num outro mundo social? Atuar atendendo às exigências dos donos da empresa ou trabalhar buscando resgatar a condição do trabalhador e da trabalhadora como sujeitos sociais e históricos e, com isso, incorporar à sua formação docente aprendizagens diferenciadas, aprendidas no mundo do trabalho?

Pelo fato de a maioria dos professores-estagiários nunca ter estado antes dentro de uma fábrica, ou como consequência de uma visão de mundo ainda pouco identificada com o social, havia, para alguns, no início do processo de escolarização, uma visão preconceituosa a respeito dos trabalhadores, o que fica evidente na fala de uma estagiária:

Eu vou falar sobre a primeira impressão que eu tive do trabalhador operário. Até é uma coisa, assim, abobada, que não teria nada a ver. Então, eu fui lá ver... É que o primeiro dia... isso talvez até seja uma impressão que a gente forma... então, eu fui preparada pra ver os alunos... daí, quando tu pensas em aluno de fábrica, tu pensas assim... trabalhador normal, assim, trabalhador indo trabalhar com cara cansada, suada, esse tipo de coisa... Quando eu cheguei lá, eles estavam numa beca que eu até fui olhar a roupa que eu estava, porque não era o que eu esperava... Eu cheguei lá, eles estavam todos cheirosos, todos limpinhos, todos arrumados. E eu disse: que impressão horrível,

porque, quando tu falas trabalhador, tu pensas naquela pessoa... A visão que eu tinha do trabalhador era daquele homem cansado, suado. Até, quem sabe, cheirando mal, sujo... é com esses que eu vou trabalhar, eu pensava... É, daí eu pensei... vou lá mesmo que seja assim... (...). Que vergonha!... Eu pensei assim: vou ter que me vestir um pouquinho melhor. Eles são bem diferentes do que eu imaginava!

Essa primeira impressão pode ter ocorrido com outros professores-estagiários, mas foi essa que parece ter tido coragem de expressar tal concepção. Coragem porque, enquanto falava, ela gesticulava muito, coçava a cabeça, sorria, parecendo demonstrar dificuldade de revelar o que pensava a respeito dos trabalhadores no início de seu trabalho. A convivência com os trabalhadores e com o mundo do trabalho, na fábrica, foi modificando a visão que essa professora tinha no início do processo de escolarização:

Hoje, quando eu pego um ônibus, fico olhando a cara das pessoas. Eu, às vezes, até sofro junto com os trabalhadores, sabe? Então, o que mudou com o Supletivo? Uma coisa que eu tenho, assim, é orgulho deles. Eu acho que tudo o que eles fazem é fruto de um esforço tão grande...

Ao dizer “*fico olhando a cara das pessoas*”, a professora demonstra ter aprendido com os trabalhadores e, mais do que isso, transformado essa aprendizagem em uma outra maior: uma nova visão sobre o contexto social do qual faz parte.

Que diferença faz, aos alunos e às alunas dos Cursos de Licenciatura, realizar uma Prática de Ensino junto aos trabalhadores e às trabalhadoras, durante o processo de sua formação docente? Sendo docentes de trabalhadores, na fábrica, o que mais eles podem aprender que é diferente de ser professor em uma escola regular? Que aprendizagens o mundo do trabalho pode favorecer aos alunos e às alunas dos Cursos de Licenciatura? Que valores prevalecem nessa caminhada?

Começo lembrando o dia em que fui a uma das empresas, com mais dois bolsistas, aplicar o teste de sondagem-diagnóstico a uma turma. Enquanto os trabalhadores realizavam tal atividade, eu, como coordenadora e pesquisadora, podia aproveitar esse tempo para observá-los antes do início do Curso. Era uma opção minha acompanhar as atividades do Curso desde o início. Foi então que experimentei, já no começo do processo, a persistência desses trabalhadores e o desafio de ensinar e aprender com eles.

Enquanto eu os observava realizando a prova, chamou-me atenção um trabalhador. Com 45 anos de idade, há 29 sem estudar, sem o exercício da escrita, esse trabalhador escrevia um pouco, parava, fazia massagem no braço, escrevia novamente, fazia movimento nos dedos, voltava a escrever. Assim ele procedeu por um bom tempo, até que fui surpreendida observando-o. Nesse instante, ele me olhou, sorriu e disse: “*professora, cansa o braço, faz quase trinta anos que eu parei de estudar*”. E perguntou: “*posso escrever a lápis?*”. Um dos bolsistas, depois, comentou comigo: “*nossa, professora, é muita persistência!*”

Mais tarde, entrevistando os professores-estagiários, perguntei o que mais eles tinham aprendido ou estavam aprendendo com os trabalhadores durante o período em que realizaram ou realizavam a experiência docente. Um estagiário de História, referindo-se à experiência de ensinar trabalhadores, enfatizou:

A persistência é o elemento mais importante dessa aprendizagem, em primeiro lugar porque, num primeiro contato, a visão era trágica no sentido de dificuldades inúmeras; e também por ser uma fábrica onde se encontravam pessoas cansadas, em jornadas duplas, ou, de qualquer forma, com pouco tempo pra estudar, com uma visão pessimista em relação à História, em relação à sua própria vida ou às possibilidades futuras relacionadas à educação ou promoção na fábrica, ou a respeito do futuro.

Esse professor, quando falava da persistência, não estava, naquele momento, fazendo referência à dureza da vida do trabalhador, que se levanta muito cedo, que tem uma jornada de trabalho muito dura. Por um lado, referia-se à persistência que ele, como educador de trabalhadores, teria que ter e estava aprendendo a ter, para que os fizesse, também, persistirem no processo de escolarização, considerando as poucas condições do grupo apresentadas no início do processo. De outra forma, esse professor estava preocupado, também, com a sua própria persistência, considerando que, ao contrário da maioria dos estagiários, ele era, além de professor-estagiário, também um trabalhador com características muito semelhantes às dos trabalhadores, seus alunos. Esse professor era carteiro, e o único horário disponível para realizar o seu estágio era sábado à tarde. Ele conta:

Depois de enfrentar uma jornada de trabalho tão árdua quanto a deles, num trabalho duro, realizava o meu estágio. Então, a minha

jornada de trabalho também era pesada. Nós tínhamos um elemento comum nesse sentido. E eu sempre passei um pouco dessa minha experiência para eles. Como também fui aluno de Supletivo, sabia que não era fácil. Contava pra eles que, num determinado momento da minha vida, tive muitas dificuldades, trabalhei e estudei desde bem pouca idade. Também parei um tempo de estudar, pelo problema de ter que trabalhar, e, então, havia, em algumas passagens da minha vida, elementos comuns em relação ao que eles estavam enfrentando. Muitas vezes, dei aula até com o uniforme de trabalho, porque eu saía direto da minha jornada de trabalho e entrava na fábrica.

Analisando a fala dos professores-estagiários e a dos alunos-trabalhadores, é possível dizer que, na dureza de um chão de fábrica, a persistência foi objeto de ensino e aprendizagem.

Ao entrevistar uma professora-estagiária da qual os alunos haviam reclamado, perguntei a ela sobre o que mais lhe havia chamado atenção durante o trabalho na fábrica e o que ela aprendera com isso. Ela iniciou falando sobre aquele dia em que chegara cansada na fábrica. Assim ela conta:

Vou começar falando daquele dia que os alunos não gostaram, lembra? Eu cheguei na sala de aula e estava muito cansada. Eu tinha tido um dia muito cheio, estava chegando de um outro estágio que eu fazia em Porto Alegre, na Secretaria do Meio-Ambiente, e aí tinha que dar aula pra eles. E, depois, eu tinha, ainda, aula na Universidade. Aquele dia tinha sido muito cansativo, aí eu cheguei na aula e propus, então, dar, nesse dia, apenas uma hora de aula. Percebi que o grupo não gostou, a maioria, no começo, não disse nada. Então, comentei com eles sobre os nossos compromissos de estudantes. A gente tá sempre cansado, sempre correndo. Foi aí que a Osmilda começou a falar da sua luta diária, do que ela fazia. Levantava muito cedo, às 4h da manhã, era uma das primeiras que o ônibus da firma pegava e quando saía de casa já deixava o almoço pronto pra mãe, que é doente e morava com ela. Ela saía do trabalho às 13h30min, e às 14h30min já estava na sala de aula. Ela me contou que quando saía da aula, às 16h30min, ia ajudar o marido, vendendo lanches, num trallier, e lá ficava até à noite. Essa aluna, depois, me contou que várias vezes pensou em desistir. Ela conseguiu chegar ao final do Supletivo e parece que está querendo fazer o 2º Grau. Olha, eu fiquei admirada e até com vergonha de reclamar de cansaço.

Continuando a entrevista, essa aluna-estagiária me disse que, com o silêncio da maioria dos alunos e o depoimento corajoso da Osmilda, passou a repensar o seu próprio

trabalho, como aluna de um Curso de Licenciatura e professora de trabalhadores. Segundo ela, o cansaço continuava, mas agora, antes de se queixar, “*pensava duas vezes*”. Retomando alguns aspectos dessa entrevista, dias depois, ela comentou estar muito preocupada com as condições em que os trabalhadores realizavam suas atividades diárias, destacando a coragem que muitos tinham para efetuar certos trabalhos arriscados.

É coragem ou necessidade de eles se submeterem àquele tipo de trabalho? Essa estagiária, ainda durante a entrevista, comentou que, depois da história da Osmilda, da visita na fábrica e da experiência como professora de trabalhadores, estava repensando a visão que tinha sobre a realidade social, o que, antes, não a incomodava. A dureza da vida cotidiana dos trabalhadores e das trabalhadoras parece ter deixado essa estagiária um pouco mais sensível a respeito do que ocorre na sociedade.

Uma outra professora-estagiária, falando da dureza com que se deparou no chão de fábrica, fala da sensação de mal-estar que sentiu ao visitar os setores de trabalho dos alunos-trabalhadores de uma empresa ligada ao ramo metalúrgico. Ela conta:

Quando eu cheguei lá, num determinado setor, encontrei um forno enorme, que, além do calor, exalava um cheiro horrível. Senti aquele cheiro forte ... Não, o calor não me atrapalhou, mas o cheiro. Aquele cheiro assim, que me entrava e me doía, assim, por dentro. De volta à sala de aula, a primeira coisa que eu fiz foi dizer para o meu aluno, que trabalhava naquele setor, que eu achara um lugar muito ruim aquele onde ele trabalhava. Sabe o que ele me disse? “ É ..., o calor...”. Eu disse: ‘não, o cheiro!’ Ele já estava acostumado com aquele cheiro. Era um cheiro de produtos químicos, aquilo entrava, sabe? Como quem mata a gente por dentro, sabe? E, para ele, aquilo não era tanto assim como eu estava sentindo. Era o calor que ele mais sentia. Então, eu perguntei se eles ganhavam máscara para trabalhar, e eles responderam que não, só protetor de ouvido.

Esse cheiro e tantos outros já faziam parte do cotidiano dos trabalhadores, o que já não os incomodava (não os incomodava?). Os professores-estagiários, na grande maioria, tinham clareza de que o fato de dar aula na fábrica oportunizava outras aprendizagens, diferentes daquelas construídas em uma escola formal.

No entanto, nem todos os professores-estagiários conseguiram ser sensíveis a essa realidade, e alguns demoraram um pouco mais. Esse fato podia ser observado a partir do

que era apresentado e discutido nas reuniões gerais. Alguns professores precisaram ouvir as reivindicações dos trabalhadores para se sensibilizarem com os problemas que eles enfrentavam diariamente. Foi o caso de uma estagiária que, estando bastante preocupada em desenvolver os conteúdos da disciplina que lecionava, encontrava pouco tempo para olhar para a realidade dos trabalhadores, o que era percebido por eles e pode ser exemplificado na fala deste aluno-trabalhador:

Ela chegava e atirava o material que trazia em cima da gente, enchia o quadro, puxava mapa de tudo que era lado. A geografia era a primeira disciplina da semana, e a gente saía com um ponto de interrogação bem grande na testa, não pegava nada. Aí, um dia, a gente resolveu conversar com ela: ‘Pô, dá uma maneirada, porque a gente não tá conseguindo aprender nada’.

É interessante observar, na fala desse trabalhador, que, para essa professora, no começo, mais importante do que trabalhar considerando a realidade dos alunos-trabalhadores era desenvolver o conteúdo. Essa estagiária, durante uma reunião de avaliação, disse: “*eu tenho que dar o conteúdo inteiro, não dá pra deixar*”. Conforme o que conta esse trabalhador, a estagiária, mais tarde, depois da conversa que teve com o grupo, por iniciativa deles, foi-se dando conta da necessidade de alterar a sua forma de trabalhar:

Daí ela se tocou e aceitou a idéia da gente. E no fim ela já estava fazendo o mapa dela bem grandão, botava o pessoal em volta, aqui neste carpete, e a gente conseguiu. Aí ela entendeu que uns estavam afastados [da escola] há muito tempo. A gente tinha o compromisso lá dentro, na fábrica, nos setores de trabalho, hora-extra... Então, não é fácil o cara assimilar tudo isso.

Na dureza de um chão de fábrica, pela força do cansaço e do sofrimento, mas também da coragem, da persistência e do desafio, professores e alunos podem redimensionar sua sensibilidade. O trabalhador, ao revelar para o professor um pouco de sua vida, de seu cotidiano, está, na verdade, revelando-se e, por isso, trabalhando a sua sensibilidade, mas despertando, também, a sensibilidade do outro, do professor, no sentido de trazê-lo para o seu mundo. A partir do redimensionamento da sensibilidade, pode ser construída uma relação de cumplicidade e solidariedade no processo de ensinar e aprender. Dessa forma, é possível dizer, com Paulo Freire (1997, p.109), que

o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito”. Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no “trato” deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem se abrem na escola.

Como a realidade dura da fábrica e a sensibilidade construída a partir dessa realidade podem contribuir para a formação profissional dos alunos dos Cursos de Licenciatura? O fato de dar aula dentro de uma fábrica, conviver com trabalhadores e trabalhadoras, no dia-a-dia, trabalhar com uma realidade diferente daquela em que, normalmente, os alunos dos Cursos de Licenciatura atuam, quando realizam seus estágios, pode contribuir para a formação desses alunos? Uma professora-estagiária de História comenta:

A visão de vida que nos é passada dentro do espaço da fábrica é diferente. A formação como pessoa é claro que também vai ocorrer na escola formal, mas na fábrica ela está muito mais visível e ocorre sempre, a toda hora, é rotineiro, acontece a todo momento. Em quase todas as aulas, a gente pode sentir isso.

Essa mesma estagiária lembra:

Eu só trabalhei na primeira etapa, e, quando soube que alguns tinham saído, porque tinham sido demitidos, a vontade que eu tive foi de voltar lá e dizer: por amor de Deus, o que vocês estão fazendo? Claro que o sentimento é muito maior em relação àqueles trabalhadores da empresa onde eu estava trabalhando, mas, hoje, isso acontece com qualquer situação de desemprego. Nesse momento, eu não estou lecionando em nenhuma empresa, mas trabalho em um outro supletivo, comum, cujos alunos também trabalham em empresas. E eu percebo a mesma luta, o mesmo cansaço... De repente, eu me sinto, mesmo, mais sensível aos problemas que eles estão vivendo, até àquela questão de conteúdo que se trabalha.

Um outro fato que me chamou atenção, durante a entrevista com essa mesma estagiária, diz respeito a descobertas que ela fez, relacionadas a conhecimentos específicos da disciplina que lecionava. Além da outra experiência que realizava com educação de adultos, já tinha realizado o estágio obrigatório do curso de Biologia, e, quando perguntei a ela se estava fazendo diferença, para a sua formação profissional, realizar uma prática de ensino dentro da fábrica, ela respondeu:

Claro! É lógico! Olha o monte de coisas que eu aprendi! Coisas que eu nunca iria aprender num livro. Tu já entraste na estação de tratamento dos efluentes da Samrig? Eles têm duas estações de tratamento. Eu nunca iria aprender isso. Quando a gente foi na

estação de tratamento, eles me ensinaram como faziam o processo de tratamento na Empresa. Eu nunca entrei numa estação de tratamento. E eu aprendi isso com eles. Na Micheletto, aprendi, também, que para fazer parafuso se usa arame. Eu nunca iria imaginar que, para fazer parafuso, se usasse arame! Fui para dentro de uma empresa e aprendi com eles. Eu passo aquele saber didático, sistemático, na medida do possível, um pouco prático, e eles passam, para mim, toda a bagagem do dia-a-dia deles.

As entrevistas realizadas com os alunos-trabalhadores aconteceram no mesmo período em que estavam sendo entrevistados os professores. Um deles, quando lhe perguntei sobre o que achava que os professores-estagiários haviam aprendido com eles, comentou: “*Eu acho que a professora de Ciências não tinha nem idéia de como era feito o tratamento de efluentes. Eu acho que ela aprendeu isso aqui na empresa.*”. Continuei perguntando por que ele achava que a professora não tinha esse conhecimento. Então, ele respondeu:

Porque ela ficou muito surpresa e, na hora que visitou a estação de tratamento, fez várias perguntas às pessoas que trabalham lá. O rapaz que trabalha com isso trouxe um cronograma de como é feita a operação. Eu acho, até, que ele deu um pra ela. Ela teve um interesse muito grande em aprender como era feito o trabalho, e, por essa demonstração, eu acho que ela não conhecia, ou conhecia só de ouvir falar, ou na teoria, talvez, mas, na prática, acho que não tinha visto. Ela pegou tudo direitinho, e, depois, trabalhou com nós aqui na aula e pediu para fazermos um trabalho sobre o tratamento dos efluentes e o tratamento de água.

Para uma professora-estagiária de Língua Portuguesa, uma das maiores aprendizagens construídas na fábrica foi a possibilidade de repensar a sua visão sobre o conhecimento acadêmico, especialmente o conhecimento relacionado à literatura. Para falar sobre isso, a professora mostra um texto produzido por três alunos-trabalhadores a partir do trabalho desenvolvido com base na letra da música “Construção”, de Chico Buarque de Holanda:

*“SENTOU PRA DESCANSAR COMO SE FOSSE SÁBADO.”
Nós trabalhamos em sistema de seis por dois; portanto, se for segunda ou sábado, para nós é igual.
Durante a semana, comemos feijão com arroz como se fôssemos príncipes, porque é a comida dos operários, e valorizamos o alimento como se fosse um banquete.*

Quando chega a nossa folga, seja segunda ou quarta, fazemos o nosso churrasco como se fosse sábado e valorizamos o fruto do nosso trabalho.

Segundo a professora, uma das propostas desse trabalho era escolher um fragmento do texto de Chico Buarque e, a partir dele, produzir outro, em grupo, que expressasse as reflexões realizadas coletivamente. Falando sobre isso, ela comenta:

Como estudantes de Letras, somos levados a interpretar a literatura dentro de padrões de análise aceitos pelas teorias literárias, formuladas por especialistas na área. No geral, o estudante acaba, em função disso, tendo uma visão bastante elitista em relação à literatura. Como professora de alunos-trabalhadores, acabei descobrindo que eles tinham uma sensibilidade para textos literários que eu não tinha. Eu, certamente, não faria as relações que alguns alunos fizeram entre o texto “Construção” e a sua vida, o que me faz perguntar: será que essa sensibilidade não ocorre justamente pelo fato de eles não terem conhecimentos mais elaborados sobre literatura? Até que ponto o conhecimento sobre literatura pode tornar-nos mais sensíveis às questões humanas? O que é literatura?

Na seqüência do trabalho, professores e alunos foram-se dando conta do que era possível ser aprendido no mundo dos trabalhadores. Um aluno-trabalhador consegue, em sua fala, sintetizar as aprendizagens construídas pelos professores-estagiários durante esse processo de escolarização.

Com nossas dificuldades, necessidades, bondade, humildade, sinceridade e, até mesmo, com nossas mentiras e falsidades, nós temos algo a ensinar. Com nossas vidas, contadas na sala de aula, vividas na infância, cada um com suas dificuldades. Alguns colegas com seus relatos escritos e lidos, com voz rouca e os olhos cheios de lágrimas. Os livros nos dão conhecimentos e, às vezes, um bom emprego. A vida nos ensina a sobreviver.

Finalizando este artigo, retomo o objetivo do estudo realizado, que era discutir os significados construídos pelos alunos dos Cursos de Licenciatura realizando a experiência de ser professor de trabalhadores dentro do espaço fabril. Nesse sentido, busquei (re)significar a Prática de Ensino, uma vez que essa experiência pedagógica oportuniza aos acadêmicos a participação nas discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva do compromisso com a Educação Popular.

Com a opção metodológica, pude observar a vida se impondo, essa vida que foi sendo aprendida e ensinada pelos alunos-trabalhadores e pelos professores-estagiários, e também por mim, transformando-se em significados que vão além da sala de aula.

A partir da experiência de estranhamento, que foi uma aprendizagem inicial, isto é, conviver e aprender com esse outro mundo, foram sendo construídas outras aprendizagens, que chamei de outros valores na caminhada da fábrica. Além de contribuírem para a formação profissional dos alunos dos Cursos de Licenciatura, numa dimensão humana, social e política, essas aprendizagens podem favorecer a criação de recursos metodológicos para a construção de um campo de conhecimento científico e formação de profissionais na área de Educação Popular.

Pesquisar os significados construídos pelos alunos dos Cursos de Licenciatura, estagiários e estagiárias do Supletivo de Trabalhadores, constituiu-se em um elemento importante como professora de Prática de Ensino e de Teorias do Desenvolvimento e da Aprendizagem.

O grande desafio que se coloca hoje é como lidar com o problema das demissões que vêm ocorrendo durante o processo de escolarização na fábrica. E como discutir essa questão com os alunos-trabalhadores, os professores-estagiários e a Universidade. É importante trazer aqui as preocupações que os professores-estagiários compartilhavam comigo cada vez que um aluno-trabalhador era demitido. De acordo com o depoimento de alguns estagiários, após a demissão de um colega, era criado, na sala de aula, um clima de desânimo, apatia e insegurança, relacionado a duas questões: a expectativa de quem seria o próximo a ser demitido e de que, mais uma vez, o processo de escolarização fosse interrompido. A realidade das demissões, dessa forma, pode ter desencadeado um processo de questionamento da visão funcionalista que alguns professores-estagiários tinham, segundo a qual a educação tudo pode resolver. Essa visão remete, mais uma vez, para a necessidade de a Universidade, como diz Freire (1970), deixar de ser abstrata para chegar ao homem, inserido em uma realidade histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DEJOURS, Cristophe. *A loucura do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1992.
2. FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
3. _____. *Pedagogia da autonomia — saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
4. FREITAS, Luiz Carlos de. Em direção a uma política para a formação de professores. *Em aberto*, n.54, abr./jun. 1992.
5. GIROUX, Henry. *Escola crítica e política cultural*. São Paulo: Cortez, 1992.
6. HADDAD, Sérgio. Tendências atuais na educação de jovens e adultos. *Em aberto*, n.56, out./dez. 1992.
7. KRASILCHIK, Miriam. O professor de prática de ensino — um edificador de pontes. *Cadernos CEDES*, n.21, 1988.
8. MARTINS, José de Souza. *A chegada do estranho*. São Paulo: Editor Hucitec, 1993.